

Efésios é a carta da igreja. É a síntese do pensamento de Paulo acerca do povo de Deus. Povo eleito, salvo, único e santificado para uma missão. Bernardo Cho identifica a partir do texto quem é esse povo e o que ele faz. Com satisfação e alegria recomendo a leitura deste magnífico livro.

ARIVAL DIAS CASIMIRO

Pastor titular da Igreja Presbiteriana de Pinheiros, em São Paulo

Que alegria e privilégio escrever este endosso ao excelente trabalho de Bernardo Cho. A obra não apenas oferece uma explicação clara e profunda do tema, mas também traz uma mensagem de esperança e encorajamento para a igreja brasileira. Seu livro é um convite à reflexão e à ação, lembrando-nos que, apesar das diferenças e desafios enfrentados, somos chamados a ser a expressão viva do amor, da graça, da justiça e da paz de Deus em nosso país.

GUSTAVO BACHA

Pastor titular da Igreja Presbiteriana de Vila Mariana, em São Paulo

Bernardo Cho possui a habilidade peculiar dos grandes mestres: traduzir conceitos profundos e rebuscados em linguagem acessível. Isso fica evidente neste livro, uma exposição mais que bem-vinda da epístola de Paulo aos efésios. Os teólogos perceberão o brilhantismo e a profundidade da abordagem de Cho nas entrelinhas, e o público em geral se deliciará com uma leitura abençoadora e edificante. Um grande serviço prestado à igreja de fala portuguesa.

ISAQUE SICSÚ

Pastor e fundador da Igreja Batista Urbana, em Santo André (SP)

Não é novidade que conheço Bernardo desde a infância. Nessa relação, tive o privilégio de ser testemunha de seu novo nascimento, de participar de algum modo de seus primeiros passos em Cristo e de celebrar, mesmo que à distância, suas assombrosas conquistas

acadêmicas. Num momento em que estávamos sendo levados a plantar uma igreja em São Paulo, Bernardo nos ajudou a responder a algumas indagações acerca da essência e da razão de ser da igreja, expondo Efésios a nosso “grupo base” e, depois, a toda a comunidade. Hoje, o estudo é requerimento básico em nosso curso de formação da membresia. Fico feliz, portanto, em recomendar o autor e irmão em Cristo e em endossar o conteúdo desta obra, que muito tem a dizer acerca da gloriosa realidade encontrada na igreja, a quem o Senhor deu a plenitude daquele que a tudo enche.

JULIANO SON

Fundador do Instituto Livres e pastor da Livres Church, em São Paulo

Ajudar o leitor a entender a amplitude e profundidade da ressurreição, do poder recriador da graça em Cristo, propondo caminhos para uma vivência contemporânea com sabedoria e fidelidade, é sempre tarefa desafiadora. Com sua extraordinária habilidade exegetica e hermenêutica, e seu cuidadoso olhar pastoral, Bernardo Cho compartilha conosco o coração e a essência da igreja de Jesus Cristo.

NELSON BOMILCAR

Músico, pastor, escritor e teólogo

A obra proposta por Bernardo visa atender a uma necessidade premente da igreja brasileira. Trata-se de uma visita mais demorada aos fundamentos que a sustentam. Para isso, nada melhor que o texto bíblico escolhido pelo autor. Com linguagem simples mas não superficial, Bernardo vai desenrolando cuidadosamente a carta de Paulo à igreja de Éfeso, como um hábil mestre faria com seu pergaminho. Quem tem olhos... leia.

RICARDO BITUN

Teólogo e pastor da Igreja Manaim, em São Paulo

Recriados pela graça

O poder da ressurreição de Cristo na vida da igreja

BERNARDO CHO



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2023 por Bernardo Kyu Cho

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C473r

Cho, Bernardo

Recriados pela graça : o poder da ressurreição de Cristo na vida da igreja / Bernardo Cho. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.

208 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5988-247-2

1. Espiritualidade. 2. Bíblia. N.T. Efésios. 3. Vida cristã.

I. Título.

23-85364

CDD: 227.5

CDU: 27-248.52

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição

Daniel Faria

Revisão

Ana Luiza Ferreira

Produção

Felipe Marques

Diagramação

Marina Timm

Capa

Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: setembro de 2023

*Para os presbíteros Simon, Natanael, Sae Won e Paulo,
e os obreiros Leandro, Davi, Rachel e Ian,
pelo serviço à humanidade recriada pela graça
que se reúne na Igreja Presbiteriana do Caminho.*

Sumário

.....

Introdução: Paulo e a igreja de Éfeso	9
PARTE I — O QUE É A IGREJA?	
1. Mais ricos do que pensamos: As bênçãos que já temos em Cristo <i>Efésios 1.1-14</i>	31
2. Ponto, ponto, ponto: Lentes novas para enxergar a realidade <i>Efésios 1.15-23</i>	49
3. Poemas a partir de ruínas: Salvos da morte para sermos obras-primas <i>Efésios 2.1-10</i>	61
4. Um povo de <i>shalom</i> : Representantes da nova criação de Deus <i>Efésios 2.11-22</i>	73
5. O mistério pelo qual vale a pena sofrer: O testemunho de Paulo <i>Efésios 3.1-13</i>	85
6. Cheios da plenitude de Deus: A vida de Cristo entre os crentes <i>Efésios 3.14-21</i>	99
PARTE II — O QUE A IGREJA FAZ?	
7. Unidade (com Cristo, com a Verdade, com o Corpo): A vocação da igreja <i>Efésios 4.1-16</i>	109

8. Imitadores de Deus: Nossos relacionamentos à luz do evangelho <i>Efésios 4.17—5.2</i>	131
9. Separação das obras das trevas: Os novos hábitos da nova criação <i>Efésios 5.1-20</i>	145
10. Todos sujeitos a Cristo: Unidade no casamento <i>Efésios 5.15-33</i>	159
11. Todos sujeitos a Cristo: Unidade no lar <i>Efésios 6.1-9</i>	177
12. Permanecendo firmes no evangelho: A verdadeira batalha da igreja <i>Efésios 6.10-24</i>	187
Sobre o autor	203

Introdução:

Paulo e a igreja de Éfeso

.....

No verão de 2017, um ano após meu retorno ao Brasil, minha família e eu tivemos de fazer uma viagem rápida ao Rio de Janeiro. Tendo sido alertado por um colega sobre a necessidade de obter a validação dos títulos acadêmicos que eu havia recebido no exterior, descobri que a única instituição habilitada pelo MEC naquela época a “carimbar” um dos meus diplomas era a PUC-RJ. Como meus filhos conheciam a Cidade Maravilhosa só de ouvir falar, resolvemos aproveitar a ocasião para tomar todo o sol que havíamos perdido nos quase quatro anos em que moramos na Escócia. E não foi preciso sequer aterrissarmos no Aeroporto Santos Dumont para entender por que a capital carioca é tão famosa. Pouquíssimas paisagens no mundo se comparam à justaposição do Corcovado de um lado, do Pão de Açúcar de outro e da Baía de Guanabara adiante no horizonte. Um cenário realmente estonteante. Ainda no avião, tivemos de dar razão aos fluminenses por seu orgulho daquela cidade. O Rio de Janeiro de fato continua lindo. Por mais complexa que possa ser a vida ali, se eu fosse um fluminense, estaria consciente de viver em um dos lugares mais belos do mundo.

Semelhante maravilhamento teria acometido qualquer pessoa que adentrasse Jerusalém enquanto o templo permanecia intacto (seja antes ou depois do exílio), ainda que por

motivos diferentes. A casa de Yahweh era uma das principais razões de orgulho para os judeus. Acreditava-se que ali a própria presença do Deus de Israel fazia morada. E ali todas as nações da face da terra teriam um vislumbre da glória do Criador. O templo era desse modo a representação da fidelidade do Deus de Israel, o símbolo que alimentava a esperança do povo pela restauração de todas as coisas. Ver o santuário despontando sobre o monte a distância indicava que o esforço da longa peregrinação até Jerusalém não tinha sido em vão. “Alegrei-me quando me disseram: ‘Vamos à casa do SENHOR’” (Sl 122.1), diz o salmista em sua jornada de ascensão ao templo. E até mesmo os discípulos de Jesus, admirados com a beleza do edifício enquanto caminhavam pelo pátio externo, chamaram a atenção de seu mestre para a grandeza daquela estrutura: “Mestre, olhe que construções magníficas! Que pedras impressionantes!” (Mc 13.1 e paralelos). Ser um judeu de Jerusalém na Antiguidade era, entre muitas outras coisas, estar consciente da proximidade de Deus.

E não teria sido diferente com o viajante que chegava a Éfeso. Uma das cinco maiores cidades do Império Romano — a mais importante da Ásia Menor, região oeste do que hoje é a Turquia —, a proeminência de Éfeso na Antiguidade não se devia exclusivamente a seu tamanho ou sua localização geográfica, mas sobretudo a seu *status* de “cidade-templo”. Éfeso atraía a admiração de todos por servir de “guardiã” de um dos maiores locais de adoração pagã do mundo antigo, contado entre nada menos que suas sete maravilhas: o templo de Ártemis, a grande deusa anatólia associada à lua, mãe da fertilidade. A imponente estátua de Ártemis lembrava todos os efésios de quem possuía real autoridade sobre eles, servindo de fator aglutinador da própria vida naquela cidade. Embora

houvesse outros santuários naquele lugar — por exemplo, a Roma e Júlio César (Dio Cássio, *História* 51.20.6-7) —, ninguém superava a “grande Ártemis dos efésios” (At 19.28), cuja imagem, acreditava-se no folclore, havia “caído do céu” (At 19.35). E, dada a imensidão da influência dessa deusa na região, toda a economia girava em torno da parafernália associada a seu culto.¹ Ser um habitante de Éfeso significava, entre muitas outras coisas, preservar o “grande prestígio” de Ártemis (At 19.27).

Podemos até não perceber esse fenômeno em meio aos inúmeros afazeres que a vida moderna impõe sobre nós, mas profundamente sedimentado em nosso coração há sempre um senso de identidade que adotamos do ambiente onde estamos inseridos ou de convicções mais conscientes que abraçamos por nós mesmos. Ainda que consideremos a estátua do Cristo Redentor um monumento sem qualquer influência real sobre nossas decisões, todos nós assumimos uma narrativa, uma visão da realidade e um punhado de crenças que se propõem dar coesão a nossa compreensão de quem somos e do que fazemos. No caso dos habitantes de Éfeso, tudo existia em função do culto a Ártemis. Em Jerusalém e seus arredores, a vida cercava a adoração no templo. E nos dias de hoje, por mais que o Ocidente secularizado negue a existência do divino, todos nós construímos nossa vida sobre valores imateriais que julgamos dar coerência a nossa identidade. Na maioria dos casos, ser um cidadão do mundo contemporâneo é estar atrás de riquezas, fama, influência, sucesso, visibilidade e “relevância”.

¹Para mais detalhes e múltiplas referências a fontes antigas, veja David E. Aune, “Ephesus”, em *Eerdmans Dictionary of the Bible*, editado por David Noel Freedman (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 414-5.

Mas e a igreja? Será que deve haver diferenças entre os valores que ocupam o centro da imaginação do povo que toma sobre si o nome de Cristo e aqueles de um cidadão típico do mundo de hoje? Quais? Onde a igreja deve encontrar a definição de quem ela é e do que ela faz? O que é, afinal, a igreja, e como ela põe em prática sua identidade?

Essas perguntas podem soar demasiado elementares, mas suspeito que, se eu desafiasse qualquer cristão comum a tentar responder a elas, ouviria algo menos sofisticado e bíblicamente coerente do que o que me foi oferecido pelo ChatGPT.² De fato, na igreja onde sirvo como pastor, temos recebido pessoas dos contextos mais diversos, confusas e desiludidas quanto ao que significa ser povo de Deus. Alguns chegam até a estranhar o fato de que propomos esse tipo de

²“O termo ‘igreja’ pode ter múltiplos significados, dependendo do contexto. Aqui estão algumas interpretações comuns:

1. Edifício: A palavra ‘igreja’ é frequentemente usada para se referir a uma estrutura física onde ocorrem atividades religiosas e cultos. Esses edifícios são normalmente usados por denominações cristãs e podem variar em estilos arquitetônicos, como catedrais, capelas ou simples casas de reunião.
2. Instituição religiosa: A igreja também pode se referir a uma instituição ou organização religiosa, como a Igreja Católica, a Igreja Anglicana ou a Igreja Luterana. Essas instituições normalmente têm uma estrutura hierárquica com clero, doutrinas religiosas e rituais. Eles servem como uma autoridade central para uma determinada fé e fornecem orientação espiritual, comunidade e apoio para seus membros.
3. Comunidade cristã: Em um sentido mais amplo, a igreja pode se referir à comunidade de cristãos que se reúnem para adorar, estudar textos religiosos e praticar sua fé. Representa o corpo coletivo de crentes que compartilham crenças, valores e tradições comuns. Este conceito de igreja abrange tanto as congregações locais quanto a comunidade cristã global.”

(Veja: <<https://chat.openai.com/share/7810690b-b673-48d2-ad86-fc6d6734010f>>. Acesso em 29 de junho de 2023.)

questionamento. Diante do oceano de opções disponíveis no mercado religioso da fé evangélica, louco é quem perde seu tempo se perguntando o que define a igreja — faz muito mais sentido e me causa muito menos transtorno consumir o serviço eclesiástico que melhor atenda às minhas expectativas e “potencialize minhas possibilidades”. Afinal, a cultura *gospel* já nos convenceu de sua própria definição do que significa fazer parte do povo de Deus: ser igreja é buscar exatamente as coisas que um cidadão típico do mundo contemporâneo busca — riquezas, fama, influência, sucesso, visibilidade, “relevância” —, mas saber que está tudo bem graças ao arrepio que sentimos no louvorção de domingo. E tudo isso “em nome de Jesus”. Desde que vistamos roupas com frases religiosas, nos mantenhamos na bolha que nós mesmos construímos com o intuito de fazer um nome grande para nós (à maneira da torre de Babel em Gênesis 11), busquemos hegemonia política por vias faraônicas e utilizemos um vocabulário inteligível somente a quem é evangélico, estaremos justificados em nos curvar aos mesmos bezerros de ouro adorados nos altares do paganismo secular. Ou seja, ninguém teria a coragem de admitir, mas ser igreja, para muitos hoje, é usar o nome de Jesus para nossos próprios fins egolátricos.

Entretanto, é terrivelmente importante que tenhamos clareza quanto a essa verdade tão basilar do que é a igreja e de como ela é chamada a viver, pois trata-se de uma questão de vida ou morte. Sem isso perdemos completamente o norte e sucumbimos às narrativas rivais à nossa volta. E engana-se quem pensa estar isento da influência das visões de mundo que nos cercam. Podemos não ser convocados a conclamar “grande é Ártemis dos efésios” (At 19.28), mas nossos amores estão constantemente voltados ao que nossos olhos tanto

cobiçam através da tela de nossos celulares, quer tenhamos consciência disso quer não. E até mesmo a própria igreja em Éfeso, que teve um início tão alvissareiro (At 19), precisou ser alertada na transição entre a primeira e a segunda gerações sobre o risco de abandonar sua vocação (Ap 2.1-7). Nossa incapacidade de responder com prontidão o que é a igreja — ou nossa compreensão completamente distorcida sobre isso — pode ser, portanto, um sintoma de que precisamos “nos lembrar de onde caímos” (Ap 2.5).

É para essa finalidade que este livro foi escrito. A partir de uma exegese teológica da carta de Paulo aos Efésios, o objetivo é ajudar o leitor e a leitora a se lembrarem do que faz do povo de Deus o povo de Deus. Os primeiros rascunhos deste estudo surgiram nos encontros que temos feito duas vezes ao ano com os candidatos a novos membros da Igreja Presbiteriana do Caminho, mas a versão final foi adaptada e expandida de modo a falar com a igreja evangélica que segue Jesus além de nossa comunidade. A proposta aqui é examinar o que Paulo tem a dizer sobre a identidade da igreja e reorientar nossa imaginação sobre o que devemos construir em nossos mais diversos contextos eclesiais.

Seguindo a estrutura geral de Efésios — capítulos 1—3 e capítulos 4—6 —, o livro é dividido em duas partes: a primeira trata do que a igreja é, a segunda trata do que a igreja faz. Com isso espero deixar explícito que, antes mesmo de saber o tipo de atividade com a qual devemos nos envolver como povo de Deus, é crucial que enxerguemos quem somos em Cristo. Ademais, embora eu interaja direta e abertamente com o texto grego de Efésios, procurei deixar minha prosa o mais leve possível, evitando entediar meus leitores com as minúcias das discussões acadêmicas e recheando minhas

exposições com histórias e ilustrações. (Para análises técnicas, recomendo os comentários de Andrew Lincoln e especialmente de Lynn Cohick, aos quais faço referência ao longo do livro. E as discussões expositivas de N. T. Wright e especialmente de Darrell Johnson foram, como sempre, muito úteis para me ajudar a simplificar alguns pontos — de Johnson, cabe reconhecer, até emprestei certas expressões para os títulos de alguns de meus capítulos.³) É óbvio que as dificuldades interpretativas jamais são ignoradas em minhas argumentações. De fato, elas estão o tempo todo presentes abaixo da superfície. O apóstolo Pedro sabia do que estava falando ao afirmar que os escritos de Paulo são “difíceis de entender” (2Pe 3.16). A questão é que fiz o máximo para deixar as “painéis exegéticos” na cozinha — leia-se: no escritório — a fim de apresentar meu parecer já “no prato”, priorizando a clareza na comunicação. A escolha de uma versão já existente — no caso, a Nova Versão Transformadora — no lugar de uma tradução minha de Efésios teve esse mesmo intuito. O que emerge, então, é uma exposição do que penso ser a leitura mais plausível da mensagem dessa epístola, considerando a tridimensionalidade necessária a uma interpretação contextual responsável do texto bíblico — ou seja, com um

³ Andrew T. Lincoln, *Ephesians*, Word Biblical Commentary (Nashville: Thomas Nelson, 1990); Lynn H. Cohick, *The Letter to the Ephesians*, New International Commentary of the New Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 2020); N. T. Wright, *Paulo para todos: Cartas da prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020); e Darrell Johnson, *Ephesians: The Wonder and Walk of Being Alive In Christ* (Vancouver: Canadian Church Leaders Network, 2022). Este último é fruto de uma série de sermões que o Rev. Johnson pregou enquanto pastor titular da Primeira Igreja Batista em Vancouver, e que tive o privilégio de ouvir ao vivo durante o período que frequentei essa igreja.

olho no mundo de Paulo e dos efésios, e com o outro olho na igreja evangélica brasileira do século 21, minha leitura teológica é controlada pelo conteúdo específico do texto grego de Efésios e pelas categorias ali implícitas para discernir o que o apóstolo pensa sobre a identidade da igreja.

E por que adotar Efésios como referencial? Por duas razões simples: quem escreveu Efésios foi Paulo,⁴ o autor neotestamentário que mais discorreu sobre o significado de ser igreja, e Efésios fala especificamente do que é ser igreja.

Se havia alguém na Antiguidade que compreendia as diferentes concepções da identidade humana oferecidas pela diversidade cultural do contexto mediterrâneo, essa pessoa era Paulo — ou Saulo, no original semítico. Aqui não é o momento para uma descrição exaustiva da vida de Paulo, mas convém notar que ele transitava confortavelmente entre diferentes culturas e, por isso, sabia o que estava em jogo em cada uma delas. Sendo natural de Tarso, capital da Cilícia e importante centro intelectual da Ásia Menor, comparável à grande Alexandria no Egito, Paulo era fluente nas letras clássicas, capaz

⁴Sim, a despeito das tentativas de rejeitar a autoria paulina de Efésios na pesquisa moderna desde F. C. Baur, considero os argumentos em favor da posição tradicional muito mais simples e convincentes. Veja Cohick, *The Letter to the Ephesians*, p. 59-81, para uma excelente avaliação do estado atual dessa questão. O estudo técnico mais recente (e autoritativo) sobre os problemas hermenêuticos históricos envolvidos em discussões sobre a autoria de Efésios foi produzido por meu amigo Benjamin J. Petroelje, *The Pauline Book and the Dilemma of Ephesians*, Library of New Testament Studies 665 (Londres: T&T Clark Bloomsbury, 2023). Petroelje conclui que Efésios provavelmente corresponde à “carta aos laodicenses” mencionada em Colossenses 4.16 e escrita de uma localidade desconhecida (p. 163-71). De todo modo, embora a tese de Petroelje não diga respeito primordialmente à autoria de Efésios, os argumentos contra a visão tradicional são significativamente desconstruídos.

de citar de cabeça pensadores estoicos e epicureus (At 17.18; Tt 1.12; *Phaenomena* 5; Dio Crisóstomo, *Discursos* 12). Além disso, Paulo era um cidadão romano de nascimento (At 22.27-28), o que lhe conferia grande mobilidade pelo império e o colocava em posição social privilegiada em relação a boa parte da população. Em Filipos, por exemplo, após ter sido preso de forma injusta junto com Silas, Paulo recorre a sua cidadania romana para sutilmente contradizer a acusação de que o evangelho tinha o objetivo primordial de subverter os costumes do império (At 16.16-40). Ainda mais importante, Paulo era o mais zeloso fariseu de sua geração. “Fui circuncidado com oito dias de vida. Sou israelita de nascimento, da tribo de Benjamim, um verdadeiro hebreu. Era membro dos fariseus, extremamente obediente à lei judaica. Era tão zeloso que persegui a igreja. E, quanto à justiça, cumpria a lei com todo rigor” (Fp 3.5-6). Ao contrário do que muitos evangélicos pensam, os fariseus não eram vistos por seus contemporâneos como pessoas más — “hipócritas” ou “religiosas”, como costuma-se adjetivar hoje aquele grupo. Na realidade, eram considerados os representantes daqueles que buscavam reformar a sociedade a partir dos símbolos centrais do judaísmo, exercendo dessa forma enorme influência na vida dos habitantes das cidades e dos vilarejos da Galileia. Portanto, a percepção de Paulo quanto a quem ele era e como ele deveria viver no mundo era profundamente ancorada na convicção de ser um participante da purificação do povo, em antecipação do reino de Deus.⁵

A despeito de todas essas credenciais, Paulo precisou refazer todo seu senso de identidade após o encontro que teve com o Cristo ressurreto no caminho de Damasco (At 9.1-19).

⁵ Para uma introdução acessível à vida de Paulo, veja N. T. Wright, *Paulo: Uma biografia* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018).

Muitos pastores gostam de dizer que é necessário antes reconhecermos a profundidade de nosso pecado para aí sim percebermos a grandeza da graça de Deus no evangelho. Mas Paulo discordaria — ou, no mínimo, diria que nem sempre é assim. Antes de seu encontro com Cristo, Paulo nunca passou por uma crise de identidade. Em Romanos 1—3, o apóstolo de fato destaca a indesculpabilidade humana perante Deus antes de apresentar a resolução dessa realidade no evangelho. Mas Romanos é uma exposição do evangelho a uma audiência que nunca havia ouvido Paulo pregar, e não um relato autobiográfico. Na experiência do apóstolo, algo diferente acontece. Paulo, que até o episódio narrado em Atos 9.1-19 pensava não ter nada do que se envergonhar perante Deus e os outros, estava a caminho de Damasco sem qualquer problema na consciência, pronto para encarcerar e, se possível, condenar à morte aqueles que proclamavam Jesus como o messias ressurreto de Israel. Ao perseguir os blasfemos seguidores do Caminho, Paulo pensava prestar um serviço ao Deus de Israel. É somente quando aquele que venceu a morte literalmente entra no caminho de Paulo, que este enxerga sua própria miséria. Até mesmo para perceber o quanto precisava de Jesus, Paulo precisou de Jesus.

Afinal, o que acontece naquela viagem à capital da Síria que vira a identidade de Paulo de pernas para o ar? Ora, sendo o fariseu zeloso que era, Paulo esperava pelo momento em que Yahweh entraria em cena mais uma vez na história para libertar os justos do domínio pagão e reestabelecer o povo eleito como reino de sacerdotes perante todas as nações (Êx 19). E, assim como boa parte da população judaica do primeiro século, ele provavelmente alimentava essa expectativa com base em textos bíblicos como Ezequiel 37, que falava do retorno definitivo

de Israel da realidade do exílio por meio da linguagem da ressurreição dos mortos.⁶ Ou seja, tudo que Paulo fazia — sua dedicação ao estudo da lei e sua prontidão em guardar os preceitos farisaicos — era em antecipação àquele tão aguardado momento em que Deus estabeleceria seu reino de uma vez por todas na terra. E o detalhe importante é que, na visão dos fariseus, eles é quem estariam no início da fila no dia da ressurreição. Já que eram os justos que experimentariam a ressurreição para a vida (Dn 12.2), Paulo imaginava que ele, sendo “irrepreensível no que dizia respeito à justiça da lei” (Fp 3.6), estaria lá na frente, segurando a bandeira do reino da justiça de Deus.⁷

Acontece que, por mais que Paulo preenchesse todos os requisitos de alguém que era considerado justo perante as pessoas, aos olhos de Deus faltava ao fariseu aquilo que faltava para todos os demais seres humanos: reconhecer como Deus agiu de uma vez por todas na pessoa de Jesus para libertar o universo do poder do pecado e da morte. Em todo seu anseio farisaico pelo dia em que Yahweh restauraria todas as coisas a partir do povo eleito, Paulo imaginava, como quase todo judeu de sua época, que esse dia se caracterizaria pela vindicação de seu próprio grupo. Ou seja, no grande dia em que Deus fosse cumprir seu plano de salvação do mundo, estabelecendo seu reinado na terra, os inimigos de Israel seriam violentamente derrotados e a tão aguardada ressurreição dos mortos aconteceria a partir daqueles que pertenciam ao grupo religioso de Paulo. Da mesma maneira

⁶ As fontes históricas mais importantes mencionando os fariseus fora do Novo Testamento e da literatura rabínica bem posterior vêm de Flávio Josefo (veja os livros 13, 17—18 de *Antiguidades*, e 1—2 de *Guerra*).

⁷ Veja a discussão em Steve Mason, “Pharisees”, em *Eerdmans Dictionary of the Bible*, p. 1044-5.

que muitos evangélicos hoje acreditam que Deus é evangélico — e que o sonho de Deus para o Brasil é torná-lo um país evangélico, como se isso fosse uma coisa necessariamente boa —, os fariseus da época de Paulo, inclusive o próprio Paulo, achavam que Deus estava do lado dos fariseus. Como resultado, Paulo acabou se apegando à expectativa de que, no momento decisivo da história, Deus daria uma surra nos romanos e compartilharia seu poder na terra com os fariseus.

E, de fato, os Evangelhos nos contam que, poucos anos antes dos eventos narrados em Atos 9, Deus já havia invadido a história na pessoa de Jesus, para estabelecer seu reino de uma vez por todas entre a humanidade. Contudo, diferentemente do que esperavam os fariseus, o reino de Deus não se concretizou na derrota violenta dos inimigos de Israel, nem na vindicação de pessoas com base no mérito humano. Pois Jesus veio derrotar o maior inimigo da humanidade: a morte, não meramente os inimigos políticos dos judeus. E, ao ressuscitar dos mortos, Jesus provava que era o único com o mérito necessário perante o Criador para realizar essa libertação — somente alguém sem qualquer culpa aos olhos de Deus poderia vencer os efeitos de Gênesis 3. Assim, em contraste com o que era esperado pelos fariseus, o reino de Deus foi assegurado por Jesus por meio de sua morte na cruz. Foi no Calvário que o salvador do mundo quebrou o poder da morte. E, mais uma vez em contraste com o que era esperado pelos fariseus, o único que pôde alcançar ressurreição dos mortos foi Jesus. Ser fariseu não era suficiente para garantir ressurreição, mas somente confiar em Jesus, aquele que de fato havia ressuscitado dos mortos.⁸

⁸ Veja Bernardo Cho, *O enredo da salvação: Presença divina, vocação humana e redenção cósmica* (São Paulo: Mundo Cristão, 2021), p. 146-65.